

# Primeira Igreja Batista em Valentina Figueiredo



Bp. Enéas Araújo

CTB

Centro de Treinamento Bíblico

Introdução à Teologia



# **INTRODUÇÃO À TEOLOGIA**

## **SUMÁRIO**

### **Conteúdo**

<i>Introdução.....</i>	<i>5</i>
<i>1. O que é Teologia:.....</i>	<i>7</i>
<i>2. Relação Entre Teologia e Filosofia .....</i>	<i>13</i>
<i>3. Relação da Teologia com a Igreja .....</i>	<i>19</i>
<i>Conclusão.....</i>	<i>25</i>
<i>Bibliografia .....</i>	<i>27</i>
<i>Questões:.....</i>	<i>29</i>



## Introdução

A disciplina Introdução à Teologia tem a intenção de colocar os novos alunos em contato, não somente com algumas idéias teológicas, mas especialmente, em contato com algumas obras teológicas, cuja leitura contribui fundamentalmente, para o seu progresso acadêmico, criando logo cedo, um espaço favorável à reflexão teológica.

A experiência de ter lecionado a disciplina durante alguns semestres, nos permitiu avaliar seu conteúdo, bem como sua proposta, no contexto do currículo de um curso superior de teologia. O contato do aluno com essa disciplina, logo no início do seu curso, pode se comparar a uma lâmpada fluorescente que se acende num quarto escuro, afastando as sombras e, conseqüentemente, os fantasmas, para que a verdade seja colocada de maneira clara, objetiva, coerente, sensata e humilde, estimulando o aluno a ver com os seus próprios olhos, ouvir com seus próprios ouvidos, andar com os seus próprios pés, apalpar com suas próprias mãos e pensar com sua própria cabeça, sem medo e sem ódio, no espírito dos cristãos bereanos, que segundo a Bíblia, ao ouvirem a pregação paulina, examinaram as Escrituras para verem se de fato era assim.

Em nosso entendimento, a disciplina Introdução à Teologia, há de passar por três eixos: O **Primeiro**, uma definição de teologia, que permita aos jovens estudantes, perderem o asco que a trajetória do protestantismo histórico no Brasil, tem criado contra a teologia, afetando inclusive os professores de teologia, como se esses não fossem crentes. **Segundo**, o esclarecimento sobre as relações entre teologia e filosofia, para que os jovens estudantes entendam que crer é também pensar, visto que, o mesmo Deus que nos deu o dom da fé, também nos deu o raciocínio, motivo pelo qual, não há incompatibilidade entre fé e razão. **Terceiro**, definir, em termos práticos, as relações da teologia com a igreja, para evitar a ilusão de que a igreja não precisa de teologia, porque a teologia não tem nenhuma utilidade prática na igreja.

À igreja não faz sentido existir sem a teologia, do mesmo modo que à teologia não faz sentido existir sem a igreja, visto que uma e outra se completam e não se excluem. Vejamos:



## **1. O que é Teologia:**

- 1.1. O termo teologia, "Theologia", foi usado pela primeira vez por Platão (427-348 a.C.), em seu livro "O Político", ligando a teologia ao mito, referindo-se a Homero e Hesíodo, de modo pejorativo, chamando-os de "theólogos", querendo dizer com isso que eles eram contadores de lendas sobre os deuses.
- 1.2. Aristóteles (384-322 a.C.), ao dividir a filosofia teórica, em matemática, física e teologia, identifica a teologia com a metafísica, isto é, o que vem depois da física e a transcende. A metafísica é chamada de filosofia primeira, passando a indicar o estudo dos princípios e causas primeiras, constituindo-se a doutrina do ser em geral, incluindo o Ser Supremo, identificado como Deus.
- 1.3. Os estóicos (século III a.C.), são considerados os primeiros a fazer uso do termo teologia, com conotação religiosa, ao afirmarem que o bem é aquilo que incrementa o logos, enquanto o mal é tudo aquilo que lhe causa dano. O verdadeiro bem para o homem é somente a virtude, que procede de Deus e chega ao homem, através do logos. Daí a idéia de teologia, como sendo esse intercâmbio comunicativo, entre Deus e o homem, uma espécie de revelação pedagógica, em que Deus instrui o homem, naquilo que representa a vontade divina. Nesse sentido, o homem encontra o seu verdadeiro ser homem, quando consegue transformar a vontade divina em sua vontade e sua vontade em vontade divina.
- 1.4. Para Clemente de Alexandria (150-215 a.C.), o termo "theologia" passa a representar o conhecimento das coisas divinas, que indica conhecimento da vontade divina. A teologia indica a verdadeira doutrina sobre Deus e Jesus Cristo como salvador. Nesse sentido, a teologia é significativa, não somente para o conhecimento intelectual, como também para a formação do caráter cristão.

- 1.5. Plotino (205-207 d.C.) afirma que a teologia é a única ciência digna desse nome, pois ela cuida dos princípios primeiros de todas as coisas, mesmo antes que qualquer coisa viesse a existir. A teologia é a ciência do pensamento e do sentimento sobre Deus.
- 1.6. Eusébio (265-339 d.C. – foi o bispo de Cesaréia), atribuiu ao evangelista João o título de "theólogos", pelo fato de em seu evangelho, João ter escrito uma eminente doutrina sobre Deus. Assim, a partir de Eusébio, o termo "theologia" passou a indicar a verdadeira doutrina, ensinada pelos cristãos, em contraste com as falsas doutrinas, ensinadas pelos pagãos. Nesse sentido, a teologia está diretamente ligada à doutrina, servindo como apoio e reforço.
- 1.7. Dionísio (367-430 d.C.), faz diferença entre uma teologia mística, simbólica, que une o homem a Deus e uma teologia mais manifesta, mais filosófica, mais acadêmica, que nos ajuda a demonstrar racionalmente as verdades de nossa fé. Esta idéia de Dionísio não somente é válida, como também é extremamente necessária aos cristãos e às igrejas de hoje.
- 1.8. A palavra "theologia", foi usada pelos padres gregos para designar a Trindade, em contraste com a palavra "oikonomia", que indica a reencarnação. Nesse sentido, a "theologia" assume o caráter de revelação de Deus, isto é, aquilo que Deus tem a dizer ao seu povo, em contraste com os espíritos videntes, que falam pelos pagãos.
- 1.9. Evágrio (536-593 d.C.), no período monástico, define a teologia como o ápice do conhecimento, visto que, o conhecimento teológico é transmitido pelo Espírito Santo, em contraste com o conhecimento dos gnósticos, que é concebido através de êxtases e experiências místicas. A teologia revela Deus, em seu Espírito, iluminando o espírito humano para conhecer as verdades divinas, enquanto a experiência extática, tem como fundamento as emoções e sensações, que partem do obscurantismo da mente. Nesse sentido, condenar a teologia e exaltar o êxtase é rejeitar o conhecimento, numa opção pela ignorância.
- 1.10. A partir de Santo Agostinho (354-430 d.C.), a "theologia", em todo ocidente, passa a ser compreendida como a inteligência que intervêm na



compreensão da fé e na contemplação de um espírito crente que, por amar, deseja atingir a completude da realidade amada. Esta afirmação da teologia como inteligência da fé, permeia todo o pensamento cristão do ocidente, deste a Idade Média, até os nossos dias. Dessa forma, a tentativa de desenvolver a fé sem reflexão teológica, conduz ao obscurantismo.

- 1.11. Para a realidade patrística, a teologia representa o esforço para penetrar mais na compreensão das Escrituras e da Palavra de Deus, daí a designação das Escrituras como "Sagradas Letras", "Santa Bíblia", associada ao termo Santa Doutrina, para designar os ensinamentos de Jesus Cristo, nos evangelhos.
- 1.12. Boécio (480-525 d.C.), no V século cristão, na obra "A Consolação da Filosofia", ao analisar o conceito aristotélico de ciência, faz diferença entre dialética como movimento do espírito e dialética como método de investigação, tentando absolutizar as exigências da razão, criando um espaço de imposição da razão sobre a fé. A isso, Anselmo reage com a tese: "Procuro entender para crer e não crer para entender". A fé que ama quer conhecer mais, por isso a razão fundamenta-se na fé e não a fé na razão, mas nem por isso, a razão é menos autônoma, ao se investigar a fé. Abelardo, no século XII, é o primeiro a considerar a teologia como ciência, afirmando especialmente, que a teologia é a ciência da fé. Isto significa que a fé sem a teologia é desprovida de conhecimento.
- 1.13. Para São Tomás de Aquino (1225-1274 d.C.), a teologia é considerada o conhecimento racional dos ensinamentos cristãos. O que a fé acolhe como doutrina de Deus, a teologia explica à luz da compreensão humana, com os recursos da razão, dentro de suas próprias leis. Diante das críticas de Guilherme de Ockham e de Erasmo de Rotherdã, o saber teológico assume o caráter de reflexão crítica sobre a fé, permitindo ao mesmo tempo, manter sempre viva a pergunta sobre a inteligência do mistério, ao mesmo tempo que se consegue uma resposta que esteja de acordo com as conquistas do saber humano.
- 1.14. A partir da Reforma Protestante (31/10/1517), a teologia assume um caráter apologético, semelhante ao vivido nos seus quatro primeiros séculos, dentro da patrística, com uma diferença, que lá a luta era contra

os de fora, os pagãos, enquanto agora a luta é interna, contra os de dentro do próprio cristianismo, que pensam diferente, crêem diferente e requerem a liberdade para se expressar. Daí surge o rompimento, conhecido como Reforma Protestante, que nada mais é do que uma implosão da própria igreja, pelo autoritarismo, expresso no abuso de poder e falta de liberdade. Daí surge o exclusivismo teológico, em que o próprio cristianismo, agora representado no catolicismo e no protestantismo, usam a teologia como instrumento de mútua exclusão. O protestantismo, especialmente a partir do pietismo, na tendência de sacralizar a fé, como coisa em si, começa a ter medo da teologia, especialmente de seu poder racional, que iluminando a consciência humana, destrói os aspectos místicos e ilusórios da própria fé. Baseados nisso, muitos protestantes ainda hoje, temem a reflexão teológica, como um elemento ameaçador da fé.

- 1.15. A partir do Vaticano II (25/12/1961-08/12/1965), a teologia assume a forma de diálogo, com a abertura da igreja para o mundo, no sentido humano, político e social, procurando dialogar com o mundo, especialmente os protestantes, considerados a partir daí, como irmão separados, vendo neles cristãos dignos de respeito e consideração. Daí, a teologia assume o caráter inclusivista e ecumênico, que tem caracterizado a teologia católica, nestes últimos trinta anos.
- 1.16. Diante da inexistência de uma hermenêutica única, em virtude da inexistência de um referencial filosófico único, a teologia passa a buscar um diálogo perene com as culturas e as ciências, de maneira a tornar evidente a complementariedade de cada uma. É a partir daí que surge a pluralidade de referenciais filosóficos, permitindo que a teologia amplie sua visão, para uma visão pluralista, em que a teologia conquista uma compreensão hermenêutica mais global, dando origem a uma pluralidade de teologias, facilitando o diálogo evangelístico e missionário com outras religiões e com outras culturas.
- 1.17. Reafirmamos que a teologia não é antagonica à fé cristã, à piedade, à espiritualidade, nem à vida devocional, como certos seguimentos do protestantismo têm insinuado nestes últimos anos. Por outro lado, a teologia é aliada da fé, da piedade, da espiritualidade e da vida devocional. A teologia nos permite fazer uma leitura crítica de nossa fé,

para que ela seja aperfeiçoada. A teologia nos permite dialogar com o mundo e com as culturas, facilitando a comunicação do evangelho.

- 1.18. O pastor Hércio Lessa, no artigo "O Papel dos Nossos Seminários na Atual Conjuntura Denominacional", publicado no Jornal Batista, em 09/02/1963, ao afirmar que estamos vivendo numa época de crise política, de crise econômica, de crise moral e de crise espiritual, visto que estamos vivendo uma situação pré-revolucionária, temos necessidade de pastores que preguem a conscientização cristã, para que se tenha uma perspectiva do futuro, reconhecendo que a natureza do mundo de amanhã, será determinada pelos valores que conseguirmos plantar nesta geração. Muitos anos são passados e as necessidades, previstas pelo pastor Lessa, se constituem problemas ainda não resolvidos em nossos programas de educação teológica.



## **2. Relação Entre Teologia e Filosofia**

- 2.1. A reflexão teológica há de partir da autoconsciência reflexa da fé, isto é, da admiração conscientizada, que permite ao crente analisar sua própria fé, na perspectiva de responder para si mesmo a seguinte pergunta: Por que eu creio? Para chegar a esse nível, o crente deve ter recebido o embasamento doutrinário, que lhe tenha dado condição de responder, para si mesmo, a pergunta: O que creio? É necessário não confundir doutrina com teologia. A doutrina nasce da leitura instrumental da Bíblia, enquanto a teologia nasce da leitura científica da Bíblia.
  
- 2.2. Com a categoria admiração conscientizadora, queremos recuperar, antes de tudo, um dado histórico do pensamento crítico, comum à teologia e à filosofia, que se encontra na admiração, tida como ponto de partida de toda consciência que começa a perceber o existente. A admiração surge no sujeito, no momento em que se faz presente o ato de refletir, que o leva a descobrir a si mesmo, como um sujeito pensante, presente na história e na sociedade, como planejador de si mesmo e do mundo. É nesse sentido que Platão e Aristóteles afirmam que a admiração é o ponto de partida do filosofar. É preciso, porém, fazer diferença entre admiração conscientizada e admiração ingênua, visto que a admiração ingênua aciona apenas os sentimentos e não a consciência, levando a pessoa a se espantar diante do quê, sem interrogar pelo por quê, que se constitui o fundamento da busca, não somente filosófica, como também teológica.
  
- 2.3. A admiração, portanto, dá origem ao investigar humano, que leva o homem à compreensão de si mesmo e do mundo ao seu redor. Sem admiração, o homem se tornaria estranho a si mesmo. A realidade da admiração; se realiza dentro do saber teológico, naquele momento em que o crente tem consciência da grandeza da revelação de Deus e se descobre como sujeito capaz de pensar e conhecer essa revelação, sendo ao mesmo tempo sujeito e objeto dessa realização de Deus. Assim, em Jesus Cristo, a teologia recebe ao mesmo tempo o objeto de sua indagação, que é a revelação de Deus e a verdade sobre o homem e seu

destino, que se fundamenta na morte e ressurreição de Jesus Cristo, que por sua vez, implica na esperança de sua segunda vinda.

- 2.4. A partir daqui, a teologia assume certas mediações, que ultrapassam o saber humano. Por isso, o processo histórico da revelação engloba a presença constante do Espírito Santo, orientando o crente e a igreja, para que compreendam a Palavra de Deus, até o dia em que a Palavra venha em sua plenitude, prevista para o fim dos tempos, na Parousia de Cristo. Os carismas e dons espirituais revitalizam os crentes, na medida que os capacita para o cumprimento de sua missão no Corpo de Cristo, que é a igreja.
- 2.5. Da relação entre teologia, filosofia e fé, surgem três princípios indispensáveis à reflexão teológica, a saber -1) Na medida que a fé produz a teologia, é a própria fé que mostra à teologia as razões da necessidade de compreensão da fé, isto que, é a fé que produz a teologia e não a teologia que produz a fé. 2) A teologia não produz a fé, mas a alimenta, purificando-a e iluminando-a, para que possa dialogar com o mundo da razão e do intelecto, sem nenhum sentimento de inferioridade. 3) A teologia e a filosofia são peças de uma mesma máquina, são membros de um mesmo corpo, sua relação, portanto, deve ser de interdependência e não de independência ou de exclusão.
- 2.6. Para se fazer filosofia, é necessário pensar filosoficamente, isto é, indagar a realidade para buscar atrás dela a verdade primeira. Para se fazer teologia, no modelo medieval, é preciso indagar a revelação, para encontrar o Deus, que está por trás dela. Para se fazer teologia no mundo moderno, é preciso indagar a realidade, para descobrir nela o homem, suas ansiedades, necessidades, sonhos e utopias para, a partir daí, indagar a revelação, para encontrar nela a mensagem que Deus, na pedagogia do Espírito Santo, tem para esse homem. Nada impede que essa ordem seja invertida: Antes de indagar a realidade, indague-se a revelação para descobrir nela a mensagem divina para a presente geração.
- 2.7. Ao longo da história da teologia e da filosofia, se tem lidado com o binômio "fé-razão", "razão-fé", fazendo-nos entender que nos seus começos, o cristianismo não foi uma filosofia. Como também não foi

uma teologia, mas uma proposta de vida completamente nova que, para se tornar significativa para os homens, precisou tanto da fé, quanto da razão, a partir do binômio "arrepentimento-fé". Foi assim que o cristianismo conseguiu mover a vida das pessoas que viviam uma realidade geográfica, histórica, política, econômica e social, onde prevalecia como verdade, a vontade do mais forte. Jesus Cristo aparece como o forte, que se faz fraco, para tomar os fracos pela mão e mostrar como a força pode surgir da fraqueza, quando o homem descobre a si mesmo, dentro do plano de Deus.

2.8. Em Santo Agostinho, a fé e a razão se encontram, oferecendo-lhe condição de elaborar a grande síntese do conhecimento teológico e filosófico, denominada "A Cidade de Deus Contra os Pagãos", onde no intuito de defender a fé cristã, mostra a relação entre teologia e filosofia, que serve de carro-chefe para o pensamento cristão durante toda a Idade Média. A filosofia de Agostinho se constitui um diálogo constante entre a criatura e o Criador, tendo como base o amor. A busca da verdade, segundo Agostinho, começa na pesquisa intelectual, mas a verdade mesmo é encontrada na fé. Daí, sua tese: "Preciso crer para compreender". A razão não cria a verdade, apenas a descobre. A verdade existe, antes de ser descoberta pela razão, mais uma vez descoberta, ela se renova. Assim, Agostinho estabeleceu um equilíbrio entre fé e razão, que por sua vez, resulta numa interação entre teologia e filosofia. A verdade de Deus está em Deus, mas nos é revelada em Cristo. A alma humana tem fome e sede dessa verdade, por isso essa verdade precisa ser divulgada, mas como sabedoria de vida, do que como especulação intelectual, visto que, a fé e a razão permanecem unidas, embora tenham valor distinto.

2.9. Para Santo Tomás de Aquino, a fé e a razão coexistem, uma no interior da outra, embora com uma nítida diferença que representa a distinção entre teologia e filosofia. A teologia e a filosofia assumem caminhos diferentes, a partir de sua finalidade, pois enquanto a teologia dá acesso às verdades necessárias à salvação, a filosofia dá acesso às verdades necessárias ao conhecimento em geral. Igualmente, a teologia e a filosofia se diferem por seus aspectos metodológicos. Enquanto a filosofia tira seus argumentos das essências das coisas, que quer dizer, de causas próprias, a teologia parte sempre da primeira causa, que é Deus,

criador de todas as coisas, inclusive do homem. Assim, a filosofia começa pelas criaturas e termina no Criador, enquanto a teologia começa no Criador e termina nas criaturas. Por isso, é necessária a harmonia entre filosofia e teologia, porque o conhecimento das coisas naturais é de grande utilidade para a teologia, porque elas nos anunciam a sabedoria de Deus, ao mesmo tempo em que nos concitam à admiração, à reverência e ao amor a Deus. Isto significa que a falta de embasamento filosófico para nossa fé, prejudica nossa adoração a Deus, pois torna difícil nossa concentração no abstrato, prejudicando, por um lado, nosso senso de reverência e, por outro lado, induzindo à idolatria, com as imagens mentais que somos levados a formar.

- 2.10. O papa Leão XIII, na encíclica "Aeternis Patris", afirma : "Requeritur philosophiae usus, ut sacra theologia natura, habitum, ingenumque verae scientiae suscipiat atque induat", que se traduz : "É necessário o uso da filosofia para a teologia sagrada receber e revestir a natureza, a forma e o caráter de uma verdadeira ciência". Vale salientar que o papa Leão XIII foi o grande humanista, que desenvolveu uma política de conciliação, através de uma série de encíclicas, com forte repercussão na sociedade moderna, dentre elas, a "Rerum Novarum" (1891), que encorajou o catolicismo a levar a religião ao mundo operário, refletindo a fé através dos trabalhadores e dos oprimidos. A partir daí, a igreja católica começou a buscar um diálogo que havia perdido, o qual, conseguiu retomar a partir do Vaticano II.
- 2.11. Assim, devemos entender que o diálogo entre teologia e filosofia é fundamentalmente importante, porque não representa simplesmente a interação entre a fé e a razão, como na Idade Média, " mas o diálogo entre a igreja e a sociedade. Diante de tanta imoralidade, injustiça e corrupção, a igreja, como detentora da verdade divina, não pode ficar alheia, indiferente, procurando se encostar nos pseudos vencedores, agarrando-se aos modismos, querendo passar a imagem de avanço e progresso, quando na realidade pode estar andando para trás. Ciente dessa possibilidade, a igreja tem tomado consciência da importância da interação "teologia-filosofia" e "filosofia-teologia", na leitura do mundo contemporâneo.



- 2.12. Juan Luis Segundo, no livro "Que Mundo? Que Homem? Que Deus? Aproximações Entre Ciência, Filosofia e Teologia"(1995), defende a tese do reencontro entre teologia e filosofia, numa tentativa de somar forças, para criar uma consciência cristã amadurecida, com uma visão clara de homem, de mundo e de sociedade, que permita à igreja, na medida que vive sua fé no mundo, argumentar para que sua verdade possa alcançar as pessoas, melhorando sua maneira de pensar e de viver no mundo.
- 2.13. Entre os que procuram opor a teologia à filosofia, encontramos Heidegger, filósofo existencialista alemão, que defendeu a tese de que a teologia e a filosofia são irreconciliáveis, levando em conta, especialmente, o ponto de partida de cada uma. Enquanto a filosofia se caracteriza pelo perguntar, a teologia se caracteriza pelo responder. A filosofia deve ter como lugar originário a existência, onde nascem as perguntas e se desenvolve a reflexão sobre o sentido das coisas. A filosofia será sempre caracterizada pela sua abertura e, portanto, pela admiração, que faz nascer o interesse pelo existente, em vez do nada. A teologia, por outro lado, coloca-se como uma suspensão da existência, assumindo o crer, no lugar de assumir o questionar, sob pena de auto-destruir-se.
- 2.14. Defendemos a tese de que a teologia e a filosofia, como atividades conjuntas da fé e da razão, não são antagônicas, mas se complementam, devendo andar juntas, como o pensar e o agir. Concordamos com Karl Jaspers, filósofo, médico psicanalista e teólogo alemão quando, baseado em Kierkegaard, afirma que o homem só toma consciência de si mesmo nas situações-limite. É a partir da consciência de si mesmo que o homem chega à consciência do outro e à consciência de Deus. Se somos sinceros conosco mesmos, não podemos deixar de perceber, na profundidade de nossa existência, a razão de crer e esperar e, por conseguinte, O apelo misterioso da transcendência. Nesse sentido, o pensar e o agir, teológico e filosófico, se complementam no homem, criado à imagem e semelhança de Deus.



### **3. Relação da Teologia com a Igreja**

- 3.1 Concordamos com Max Secler (1994), quando afirma que toda teologia deve considerar-se como função vital da religião e da igreja, visto que a religião produz a igreja e a igreja produz a teologia. Assim, produzir teologia, se constitui função da igreja cristã, ao lado de outras funções, como evangelizar, celebrar as ordenanças e cultuar a Deus. Nisso, Secler concorda com Karl Barth, que afirma que a igreja tem quatro tarefas no mundo: 1) Proclamar a palavra de Deus; 2) Celebrar os sacramentos, na medida que cultua a Deus; 3) estabelecer a comunhão entre os homens, para que estes possam manter comunhão com Deus; 4) fazer teologia, para que possa dialogar com o mundo, especialmente, o mundo intelectualizado. Portanto, o conceito de teologia inclui intrinsecamente, o conceito de religião e o conceito de igreja.
- 3.2 A religião e a igreja aqui mencionadas, não se referem à religião do indivíduo, nem à igreja local ou denominacional, mas à religião do homem com Deus, que resulta em sua pertença ao corpo de Cristo. Isto significa que na teologia ocorre a auto-reflexão e a auto-articulação, que sustenta tanto a religião, quanto a igreja. Significa também que o trabalho do teólogo está vinculado à análise intrínseca da religião e da igreja, para que não se tornem anacrônicas, diante das mudanças resultantes da dinâmica da história e da sociedade. Deve ficar claro que o teólogo também é crente e também pertence à igreja.
- 3.3 A afirmação da eclesialidade da teologia, refere-se à natureza eclesial da teologia. Significa que a teologia é fundamentalmente definida como uma função da igreja, no que diz respeito à sua missão e confissão. A igreja precisa de bases teológicas, para definir sua missão no mundo, do mesmo modo que precisa de fundamentos teológicos para definir sua confissão. As mentes mais piedosas poderiam argumentar que a igreja não precisa de teologia, a igreja precisa de Bíblia. Essa argumentação, porém, se tomou anacrônica, visto que a Bíblia, na qualidade de Revelação de Deus, se constitui também a teologia do povo de Deus no passado. A Bíblia é o registro da confissão de fé do povo de Deus no

passado, que para nós se constitui a revelação de Deus, visto que, o Espírito Santo de Deus nos fala através dela. Lamentamos que entre nós batistas, alguns tenham se engasgado com a teologia, especialmente, nesses últimos trinta anos, procurando vender uma piedade religiosa, que hoje não funciona mais, nem mesmo como fascínio ideológico, razão porque, muitos terminam apelando para o misticismo ou para o autoritarismo.

3.4 Fazer teologia é, efetivamente, uma função da vida de fé da igreja, tanto do ponto de vista doutrinário, prático pastoral, quanto do ponto de vista acadêmico. Assim, entendemos que a denominação batista no Brasil tem perdido muito tempo, espaço e talentos, em função do medo da teologia que tem alimentado. Os nossos púlpitos e nossas salas de aulas podem, naturalmente, produzir uma teologia pastoral, doutrinária, prática, que tanto bem pode fazer ao crente que deseja explicar ao mundo a razão de sua fé e esperança. Por outro lado, nossos Seminários poderiam produzir uma teologia acadêmica, através de seus professores e alunos, especialmente, os alunos de pós-graduação, para que de fato, pudéssemos, dialogar com o mundo contemporâneo, que se torna propício à fé, mas não se dispõe a aceitar os dogmas enlatados. Isto significa, que investir na produção teológica, é investir na obra missionária, visto que, a teologia se torna um instrumento indispensável à comunicação do evangelho no mundo moderno, especialmente, no meio acadêmico. Portanto, nossos seminários, no lugar de transformar a devoção cristã em disciplina acadêmica, deveriam investir na produção teológica, reconhecendo que a devoção nasce dos sentimentos do cristão para com Deus, devendo acompanhá-lo em toda sua vida, não somente no Seminário, como também na igreja, ao passo que a teologia é que, de fato, é uma atividade acadêmica, que precisa começar a ser desenvolvida dentro do Seminário.

3.5 Concordamos com Alszeghy, no livro "Como se Faz Teologia" (1979), quando relaciona o fazer teologia com a construção da igreja. Isto não significa que a teologia esteja ligada somente à construção da igreja, no sentido de construção da vida religiosa de seus membros, como vida devocional, vida espiritual, consciência evangelística, visão missionária; mas no sentido de construção da humanidade, edificação do homem, através da descoberta e reutilização de seus valores. A reflexão

teológica, nesse caso, pressupõe uma vivência eclesial, que se destina ao homem, enquanto obra prima da criação de Deus. A teologia representa um convite de Deus ao homem para uma tomada de consciência. Parte-se do princípio de que o homem, animal racional, precisa pensar antes de crer, como também precisa continuar pensando depois da fé, para que a fé alimente o pensamento e o pensamento ilumine a fé.

3.6 Igualmente, concordamos com Karl Barth, no livro "Introdução à Teologia Evangélica" (1989), quando afirma que a teologia revela o homem como sendo o homem de Deus, ao mesmo tempo que revela Deus, como sendo o Deus do homem. A teologia é o testemunho histórico de que Deus tem falado ao homem, especialmente, através de Jesus Cristo. A teologia existe a serviço da aliança de graça e de paz, que representa a união de Deus com o seu povo, realizada em Jesus Cristo e concretizada misticamente na igreja. que no plano simbólico, é o corpo de Cristo. A teologia não responderia à palavra de Deus em sua totalidade, deixando de perceber sua verdade, se restringisse sua interpretação dentro do antagonismo, fidelidade-infidelidade, judeus-gentios, salvação-perdição, visto que, Deus é Deus da humanidade e não somente dos cristãos. Portanto, a teologia é a interpretação que a igreja faz da mensagem de Deus para a humanidade. Sem teologia, a igreja tem pouco a dizer ao mundo, visto que, a ausência de teologia leva as pessoas a perderem a noção do Reino de Deus, para viverem a fé num plano puramente individual e interesseiro, em que certos indivíduos buscam sua autopromoção, no lugar de promover o Reino de Deus, especialmente em sua face de resgate dos oprimidos.

3.7 José Penalva. no livro "Iniciação à Teologia" (1992), afirma que as duas grandes guerras da primeira metade do século passado, abalaram as estruturas do mundo e as estruturas da igreja. lançando o desafio de uma teologia que se aplicasse urgentemente à realidade concreta das pessoas, para superar o sem sentido da vida, a partir da coragem de ser e da coragem de criar, tornando o homem do após- guerra, não somente disposto a reconstruir o mundo, como também aberto à providência divina. Esse sonho começou a se tornar realidade, entre os protestantes, a partir de Karl Barth, na década de vinte e entre os católicos, na década de sessenta, a partir do Vaticano II, quando a teologia começou a ser percebida como atividade da fé.

- 3.8 Partiu-se do princípio de que, enquanto a igreja medieval criou uma teologia que se limitava a falar de Deus, na perspectiva dos atributos divinos, a igreja no mundo moderno, sentiu-se compelida a produzir uma reflexão teológica, como fruto da atividade da fé, permitindo a interação entre teoria e prática, relacionando o pensar teológico ao agir pastoral e o agir pastoral ao pensar teológico. Assim, surgiram as teologias da práxis e, especialmente, a teologia da libertação, que tem criado no homem latino americano, a consciência de que a salvação implica na libertação de todo tipo de opressão inclusive exploração econômica. O homem salvo é livre não somente dos pecados pessoais, como também dos pecados sociais. Constatou-se também que em muitos aspectos, o que se elogia como virtude das elites, não passa do pecado de exploração dos pobres. Essa visão teológica causou, entre as elites, o pânico que resultou na exclusão de muitos teólogos, da década de oitenta para cá, inclusive o brasileiro Frei Leonardo Boff".
- 3.9 As teologias modernas, com uma visão iluminista, seguindo as bases existencialistas, especialmente do Vaticano II para cá, tem procurado estudar as manifestações de Deus na história, destacando as relações de Deus com o homem e do homem com Deus. Essa teologia toma como fundamento a atividade da fé, tanto no campo individual, quanto no campo eclesial e social. Parte da fé, não como um ato isolado, mas coletivo e contextualizado. A fé como um ato complementar do saber e não como um ato anti-intelectual, tornando o teologar uma atividade acadêmica. Assim, o ponto de partida do teologar passa a ser a vida comunitária, que começa a ser pensada da seguinte maneira: 1) A vida comunitária como sujeito da teologia, incluindo a igreja-instituição, a igreja-povo e a igreja-comunidade espiritual. 2) A vida comunitária como cultura, isto é, como expressão dos valores de um povo. 3) A vida comunitária como um evento lingüístico. 4) A vida comunitária como predicado da teologia, levando em conta a interpretação da vida eclesial, através do senso comum, do senso de dependência de Deus, do senso crítico e do consenso democrático.
- 3.10 Assim, o caminho que vai da revelação à teologia, há de passar pela igreja, tanto no plano subjetivo, quanto no plano objetivo. Subjetivamente, devemos fazer as seguintes ponderações sobre a

teologia: 1) A teologia é a ciência que Deus tem de si mesmo e do mundo criado. 2) A revelação de Deus é ativa, eficaz, dirigida à racionalidade humana, criadora e é percebida pela fé, visto que a fé, neste particular, transcende à razão. 3) A revelação é de destinação universal, pública e comprometida com o social. 4) A revelação é hierárquica, progressiva, destinada ao homem inteligente, adaptando-se ao nível intelectual de cada um. Objetivamente: 1) A teologia é a ciência que tem a revelação de Deus como objeto. 2) Existe uma tríplice ciência de Deus, a saber: a) a ciência que se obtém através da reflexão sobre o mundo criado; b) a ciência que se obtém através da reflexão sobre a revelação; c) a ciência que se obtém através da reflexão sobre Deus mesmo. 3) A teologia representa o esforço da igreja, ao longo da história, para manter-se em contato com Deus, com os homens e com o mundo, procurando confrontar a fé com os problemas que o homem enfrenta no seu cotidiano.

3. 11 A teologia se relaciona diretamente com a vida cristã, tornando-se propícia à piedade cristã, à conduta moral, à vida espiritual, à vida eclesíastica, à missão pastoral, à liturgia cristã e à evangelização. 1) Levando em consideração a relação entre teologia e piedade cristã, onde geralmente se constata um forte antagonismo, devemos reconhecer que o conhecimento teológico, legitimamente adquirido, deve alicerçar e fortalecer a piedade cristã, no lugar de lhe servir de obstáculo. 2) Do ponto de vista da conduta moral, a teologia deve servir de fundamento para uma vida moral madura, consciente, libertadora, que supere as bitolas nomísticas, procedentes da ética proibitiva, própria das estruturas de dominação. 3) Quanto à relação entre teologia e vida espiritual, devemos partir do princípio de que a vida espiritual é fruto da atuação do Espírito Santo no crente, que também revela a vontade de Deus ao homem. iluminando a mente para reflexão teológica, portanto, não deve haver contradição no Espírito Santo, por isso, não deve existir incompatibilidade entre teologia e vida cristã. 4) Considerando a relação entre teologia e vida eclesíastica, devemos partir do princípio de que a igreja é o corpo que tem Cristo como cabeça, sendo Cristo a revelação máxima de Deus ao homem e a revelação a fonte da teologia, não deve existir incompatibilidade entre a teologia e a vida eclesíastica. 5) Levando em conta a relação entre teologia e missão pastoral, devemos considerar o fato de que a missão pastoral nasce da consciência da

vocação e que, o mesmo Deus que vocaciona o pastor, também vocaciona o mestre, o teólogo, para exercer uma função paralela e complementar do ministério pastoral, que é a missão teológica. Portanto, não deve haver incompatibilidade entre teologia e missão pastoral. 6) Considerando a relação entre teologia e liturgia, devemos partir do princípio de que o Deus que adoramos, é o mesmo Deus que se revela nas Escrituras, levando em conta o fato de que as Escrituras se constituem a fonte da teologia, não deve haver incompatibilidade entre teologia e liturgia, 7) Levando em conta a relação entre teologia e evangelização, devemos partir do princípio de que a evangelização se fundamenta na Palavra de Deus e que a teologia também se fundamenta na mesma palavra, a evangelização levando o homem à fé e a teologia levando-o à maturidade da fé, por essa razão, não deve existir incompatibilidade entre teologia e evangelização.



## **Conclusão**

Nossa intenção, ao escrever o presente texto foi, do ponto de vista teórico, convidar nossos estudantes de teologia a reconhecerem a importância da teologia, na formação da consciência religiosa, tendo a teologia como fundamento da maturidade cristã. Do ponto de vista prático, desenvolver o interesse pela leitura de obras teológicas, criando o hábito de refletir teologicamente, logo no início do curso de teologia. Reconhecer a afinidade entre a reflexão teológica e a vida cristã, evitando os antagonismos criados entre teologia e filosofia e ainda, entre teologia e vida piedosa. Compreender a teologia como o saber a serviço da igreja, condição básica para se evitar a fraqueza doutrinária, que a curto, médio e longo prazo, ameaça nossas igrejas.

Reconhecemos que a educação teológica, de que a denominação batista brasileira precisa, para servir bem às igrejas, equipando-as para enfrentar a presente sociedade pluralista, com a mensagem viva do evangelho de Jesus Cristo, deve partir da liberdade de consciência, liberdade de pensamento, liberdade de expressão e liberdade de participação, para formar líderes conscientes e conscientizadores, que não tenham medo da verdade, pelo fato de não ter de que se envergonhar, inclusive, no manejo da palavra da verdade.

Essa liderança deve se firmar numa estrutura filosófica, onde aprenda a pensar corretamente, a partir dos princípios lógicos e a viver corretamente, a partir de princípios éticos, desenvolvendo, em cada indivíduo, o homem racional, criado à imagem e semelhança de Deus e recriado em Cristo Jesus para as boas obras. Uma estrutura teológica, em que a pessoa aprenda a pensar sua fé, para que ela se torne madura, evitando fanatismo e autoritarismo, em nome de Deus. Uma estrutura pastoral, para que o saber teórico possa se converter em atividade prática e a atividade prática possa produzir teoria, pelo princípio da interação entre teoria e prática, tão necessário na educação contemporânea.

Precisamos entender que a teologia nasce e vive do esforço do crente de pensar e experimentar sua própria fé, usando para isso, todos os esforços e recursos da razão. Quando a razão é iluminada pela fé, procura com empenho, piedade e circunspeção, chegar por dom de Deus, a uma compreensão fecunda dos mistérios da graça, através do entendimento da revelação divina.

Entendemos que o estudante de teologia precisa superar as tendências próprias do senso comum de reduzir o processo de aprendizagem à imitação das

peessoas, ditas bem sucedidas. É necessário, também, superar as tendências da educação conservadora, que reduzem a aprendizagem à assimilação de valores, verdades e costumes, sem exercitar o senso crítico. Igualmente, é importante superar os modelos tecnicistas de educação, em que o aluno é levado a aprender a fazer o óbvio, no lugar de aprender a pensar, planejar, criar, questionar, contestar, interrogar, analisar. A filosofia de educação teológica, de que precisamos, deve nos capacitar para desenvolver o dom que há em nós, capacitando-nos para uma vida piedosa, em consonância com a fé e a razão, geradoras da consciência ética e do crescimento na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, desenvolvendo a nossa salvação com temor e tremor, sabendo que é Deus que opera em nós tanto o querer como o efetuar, habilitando-nos para desenvolver o senso crítico, a razão crítica, a consciência crítica e a ação crítica, como fundamento da reflexão teológica e filosófica, que fortalece a piedade religiosa, no lugar de se chocar com ela.

Finalmente, precisamos de uma filosofia de educação teológica, que tome como representação simbólica a bússola, que em nossa cultura ocidental, se relaciona com descobertas, conquistas, desafios, busca do novo e não com o mapa, que indica as linhas traçadas, os limites, as marcas, o que já foi conquistado, descoberto por outrem. Isto significa, que o processo pedagógico, no lugar de estabelecer limites e bitolas na mente do aluno, deve desafiá-lo a descobrir o novo.

## **Bibliografia**

- ALSZEGHY, Z & FLICK M.** Como se faz Teologia. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.
- BARTH, Karl.** Introdução a Teologia Evangélica. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1989.
- BRAATEN, Carl E. & JENSON, Robert W.** Dogmática Cristã. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1995.
- CONGAR, Yves M. J.** Situações e tarefas Atuais da Teologia. São Paulo: Edições Paulinas, 1969.
- GEFFRÉ, Claude.** Como Fazer Teologia Hoje, Hermenêutica Teológica. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.
- LATORETTE, René.** Teologia Ciência da Salvação. São Paulo: Edições Paulinas, 1971.
- MONDIN, Batista.** A Linguagem Teológica, Como falar com Deus Hoje. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.
- PENALVA, José.** Teologia Iniciação. São Paulo: Ave Maria Edições. 1992.
- RAHNER, Karl.** Teologia e Bíblia. São Paulo: Edições Paulinas, 1972.
- SANTOS, João Ferreira.** Com os olhos no Futuro da Educação. Rio de Janeiro: JUERP. 1991.
- SEGUNDO, Juan Luis.** Que Mundo? Que Homem? Que Deus? Aproximação entre Ciência, Filosofia e Teologia. São Paulo: Edições Paulinas, 1995.
- VÁRIOS AUTORES.** Como falar de Deus hoje. São Paulo: ASTE. 1979.



## **Questões:**

1. Partindo do princípio de que o conhecimento teológico deve alicerçar e fortalecer a piedade cristã, explique o porquê da incompatibilidade hoje existente, entre teologia e vida cristã.
2. Justifique a importância da teologia na formação de uma consciência moral e libertadora.
3. Se a teologia está diretamente ligada à natureza espiritual da igreja, explique porque tanta insistência em alimentar a igreja com ideologias.
4. Se o conhecimento teológico está diretamente ligado à formação do pastor, justifique o medo que alguns pastores demonstram ter da teologia.
5. Faça uma síntese dos principais problemas que afetam a linguagem teológica hoje.
6. Faça uma síntese dos principais aspectos práticos da teologia, através dos quais, podemos entender que a teologia está a serviço da igreja.